

manus. folio
P de Ruy

Pediram-me que escrevesse sobre você, querido Joaquim. Certamente não seria eu a pessoa indicada, mas quem poderia ser? Não a família que, com certeza, não te viu depois do momento em que, como todos nós - ocorreu o mais importante em tuas definições de vida. Não os companheiros de movimento estudantil, de "dissidência", que acompanhavam teus primeiros passos na defesa de uma pobre pátria, e de um pobre povo, amado e esquartejado, como Tiradentes, pelos militares. Por que, mortos ou dispersos pela vida, os poucos que sobraram, não poderiam fazê-lo. Sobre eu, sobre vivente uma vez mais, guardando, como sempre o cabide de um relógio de outro, o diário de um terceiro e a memória do grupo de jovens que, como muitos outros naqueles anos 60, decidira manter erguida a bandeira da resistência ao golpe, à violência, à prepotência daqueles que por serem depositários das armas de um povo acharam-se no direito de trair a confiança e acabar de uma só vez com nossos sonhos de reformas, de alfabetização, de terra e casa para todos, daquele Brasil decente pelo qual trabalhavas na década de 60. Só te conheci em Cuba, durante aproximadamente 2 anos, do inicio inesquecível de novembro de 69, quando foi morto o Marighella, nos sentimos órfãos e vocês chegaram à Havana avião que haviam ocupado em Buenos Aires porque a organização - a ALN (Ação Libertadora Nacional), não tinha nheiropara enviá-los pelas rotas comerciais e era preciso tirá-los do país porque já estavam "queimados", como dizíamos, ou seja, localizados pela Polícia, naquele processo em que, ainda uma vez, ela defendia os interesses dos poderosos e, nós, vocês, os de um povo enganado.

Daquele grupo do sequestro deveria fazer parte Boanerges de Souza Massa que, algumas anos depois de denunciaria à Policia, e à morte. Foi à Buenos Aires mas não embarcou, não participou da ação, porque um dos companheiros, Márcio, não chegara e era preciso esperá-lo. Assim, foram 9 os que chegaram primeiro, naquele momento de histeria e de preparação de uma nova etapa que, pensávamos, seria a guerrilha no campo.

Os cubanos nos cederam uma casa grande, no bairro de Miramar. Era térrea, não tinha piscina, como muitas outras que os donos americanos haviam abandonado em 59, depois da Revolução. Dava para uma longa extensão de campo, com vegetação baixa e muitas garças que, no nosso imaginário, pertenciam, seja a uma da muitas casas que protegiam a segurança de Fidel, dos inúmeros atentados que a CIA lhe vinha preparando, seja ao Exército, já que as vezes viam militares por ali.

O grupo foi se formando. Chegamos a se 33, 27 homens e 6 mulheres. Joaquim escolheu este nome e um sobrenome do qual já não me lembro. Naquela época eu, pelo menos, que não era de seu grupo no Brasil, não sabia seu verdadeiro nome. Era muito jovem então, teria vinte e poucos anos. Alto e forte muito bonito, com cabelo preto e liso e pele morena, como um índio bem tratado pela vida.

Cientes de que não era possível deixar tantas pessoas juntas desorganizadas, aqueles que naturalmente assumiam a liderança do Grupo --Benetazzo, Lauriberto, Dirceu, João Leonardo etc., encaminhavam a divisão de tarefas da casa (cozinha e limpeza) e sugeriam outras, de preparação e conhecimento da realidade com que teríamos de lidar: ginástica pela manhã, leituras e seminários a tarde sobre o Brasil, sobre a teoria marxista, alguma coisa sobre a Revolução Cubana.

Joaquim certamente preferia os exercícios físicos. Havia os "intelectuais" e os "militaristas" como dizíamos, brincando. A Tolerância destes últimos pertencia, sem dúvida, a Airton Mortatti, o "Renente", muito amigo de Joaquim.

O Tenente logo começou a namorar Maria Augusta, uma moreninha de belos olhos verdes, que mais tarde, seria morta em Goias. Nesses dias saiam juntos, à noite, conhecendo Havana ou indo ao cinema. Não eram dados à nostalgie, e não viam como eu, no mar ou nas estrelas do Caribe, um outro hemisfério, distante do nosso. Preparavam-se apenas para a volta.

O cotidiano, na casa, era alegre, e Joaquim certamente contribuia para isso. Não tinha "grilos", era um menino grande, saudável, generoso e "moleque". Com João Leonardo e Arno Oreusm ben mais velhos que ele, caçavam rolinhas (naquela época ainda não existiam os dogmas dos ambientalistas), assustavam as moças, ou iam à praia. Lembro-me bem dele, um dia específico, levantando-se das ondas, com aquele cabelo escorrido. Era muito disciplinado, mas sem alarde, não como o Boanerges que, um dia, no treinamento, pôs um ninho na cabeça para se disfilar.

Naqueles primeiros meses em Havana, destacou-se o Natal, que não era fácil passar longe do Brasil. Lembro da gentiliza dos cubanos que, embora não o festejassem, prepararam uma ceia para nós, com carne de porco e tudo, apesar de suas dificuldades. Não é preciso dizer que, como bom garoto saudável, Joaquim comia muito bem.

Nos 3 meses em Santiago de Cuba, no início de 70, ficamos em casas diferentes. Já não me lembro com quem ficou. Talvez com o próprio Tenente e M. Augusta.

No treinamento de campo ficamos divididos em 2 grupos, que, de vez em quando, tinham atividades em conjunto. Joaquim ficou no "Verão", o outro era "Primavera", daí porque nos chamaram de "Grupo Primavera", quando começamos a questionar a ALN e acabamos formando o MOLIPO (Movimento de Libertação Popular).

Ali, naqueles acampamentos de madeira, com suas roupas militares, suadas, carregando mochilas com pesos enormes dentro, para aumentar o exercício, ou cavando trincheiras, para aprender, ou ainda atirando, e me lembro da atitude de cada um, as fardas certamente se redimiram em nossa memória. Do "Grupo Verão" participou Franklin Martins que defendia a vitória do Brasil no Campeonato de 70. Outros preferiam a derrota, para o povo não esquecer a necessidade da luta contra a ditadura militar.

Como sempre sem alarde mas aluno aplicado, Joaquim se saiu bem no treinamento. Ainda estivemos todos juntos, um tempo, em Havana, na mesma casa. Foi nesse período que namorou Eliane que, ainda bem, está viva e também poderia escrever sobre ele. Depois nos separamos, um grupo em cada casa, para preparar a volta ao Brasil. Todo cuidado era pouco, para voltar com o máximo de segurança, e poder retomar a luta aqui. Mas, de que adiantaria tudo isso se o inimigo talvez estivesse entre nós? Até hoje não sei bem a partir de que momento Boanerges começou a traír. Desde que entrou na organização, oriundo da Faculdade de Direito e da Medicina? Ou só depois, na tortura? O fato é que na volta, ele e Joaquim foram desfigurados para o campo, até por suas ótimas condições físicas.

E hoje, ele está vivo, se escondendo de todos nós e Joaquim, foi morto pelos militares como foram todos os nossos melhores companheiros. Melhores enquanto decência, seres humanos, amor à pátria e a seu povo, enquanto espírito público. Valores que ditos assim, aqui e agora, parecem tão fora de moda, mas sem os quais não existe nação.

Hoje, a responsabilidade dos que sobreviveram, aumentou. Joaquim como os outros, não morreram à toa. É importante para um povo ter referências para mostrar aos filhos.